

Porque é que a UE se destaca contra a China

By [Manlio Dinucci](#)

Global Research, May 25, 2021

ilmanifesto.it

O Parlamento Europeu, em 20 de Maio, congelou a ratificação do Acordo UE-China sobre investimentos, assinada em Dezembro pela Comissão Europeia após sete anos de negociações. A resolução foi aprovada por uma esmagadora maioria com 599 votos a favor, 30 contra e 58 abstenções. É formalmente motivada como sendo a resposta às sanções chinesas contra membros do Parlamento Europeu, decididas por Pequim depois dos seus funcionários terem sido sujeitos a sanções, rejeitadas pela China, por violação dos direitos humanos, particularmente os do Uighur. Os legisladores da UE argumentam que, se bem que as sanções chinesas sejam ilegais porque violam o Direito Internacional, as sanções europeias são legais porque se baseiam na defesa dos direitos humanos aprovados pelas Nações Unidas.

Qual é o verdadeiro motivo que se esconde por trás da capa de “defesa dos direitos humanos na China”? A estratégia, lançada e liderada por Washington, de recrutar países europeus para a coligação contra a Rússia e a China. A alavanca fundamental desta operação é o facto de 21 dos 27 países da UE serem membros da NATO sob comando USA. Na primeira fila contra a China, tal como contra a Rússia, estão ao mesmo tempo os países de Leste, membros da NATO e da UE, que, estando mais ligados a Washington do que a Bruxelas, aumentam a influência dos EUA na política externa da UE. Uma política que segue substancialmente a dos Estados Unidos, sobretudo através da NATO. Mas nem todos os aliados estão ao mesmo nível: a Alemanha e a França fazem acordos com os Estados Unidos com base na conveniência recíproca, enquanto a Itália obedece, mantendo-se em silêncio em detrimento dos seus próprios interesses. O Secretário-Geral da NATO, Stoltenberg, pode assim declarar, no final da sua reunião com o Presidente francês Macron, em 21 de Maio: “Apoiaremos a ordem internacional com base em regras contra o impulso autoritário de países como a Rússia e a China”.

A China, que até agora a NATO colocava em segundo plano como “ameaça” ao concentrar a sua estratégia contra a Rússia, está agora a ser posicionada ao mesmo nível. Isto vem na trilha do que estão a fazer em Washington. Aqui a estratégia contra a China está prestes a tornar-se lei. No Senado dos EUA, o projecto de lei S.1169 sobre a Competição Estratégica com a China, foi apresentado a 15 de Abril por iniciativa bipartidária do democrata Menendez e do republicano Risch. A exposição dos motivos do projecto de lei não deixa dúvidas de que o confronto é abrangente: “A República Popular da China está a incentivar o seu poder político, diplomático, económico, militar, tecnológico e ideológico para se tornar um concorrente estratégico global quase igual aos Estados Unidos. As políticas cada vez mais seguidas pela RPC nestas áreas, são contrárias aos interesses e valores dos Estados Unidos, dos seus parceiros e de grande parte do resto do mundo”. Nesta base, a lei estabelece medidas políticas, económicas, tecnológicas, mediáticas, militares e outras contra a China, com o objectivo de atacá-la e isolá-la. Uma verdadeira declaração de guerra, não no sentido figurativo. O Almirante Davidson, que dirige o Comando Indo-Pacífico dos

Estados Unidos, pediu ao Congresso 27 bilhões de dólares para construir uma cortina de bases de mísseis e sistemas de satélites em torno da China, incluindo uma constelação de radares em plataformas espaciais. Entretanto, a pressão militar dos EUA sobre a China está a aumentar: lançadores de mísseis da Sétima Frota estão a navegar no Mar do Sul da China, bombardeiros estratégicos da Força Aérea dos EUA foram estacionados na ilha de Guam, no Pacífico Ocidental, enquanto os drones Triton da Marinha dos EUA foram trazidos para mais perto da China, transferindo-os de Guam para o Japão. Na pegada dos Estados Unidos, a NATO está também a alargar a sua estratégia à Ásia Oriental e ao Pacífico onde - Stoltenberg anunciou - “precisamos de nos fortalecer militarmente juntamente com parceiros próximos como a Austrália e o Japão”. O Parlamento Europeu não deu, portanto, simplesmente mais um passo na “guerra de sanções” contra a China. Deu mais um passo no sentido de motivar a Europa para a guerra.

Manlio Dinucci

Artigo original em italiano :



[Perché la Ue si schiera contro la Cina](#)

il manifesto, 25 de Maio de 2021

Tradutora: Maria Luísa de Vasconcellos ([NO WAR NO NATO](#))

The original source of this article is ilmanifesto.it

Copyright © [Manlio Dinucci](#), ilmanifesto.it, 2021

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Manlio Dinucci](#)

About the author:

Manlio Dinucci est géographe et journaliste. Il a une chronique hebdomadaire “L’art de la guerre” au quotidien italien *il manifesto*. Parmi ses derniers livres: *Geocommunity* (en trois tomes) Ed. Zanichelli 2013; *Geolaboratorio*, Ed. Zanichelli 2014; *Se dici guerra...*, Ed. Kappa Vu 2014.

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca